

## O tema do duplo pode esclarecer sobre o autismo e a linguagem?

José Roberto de Almeida Correia, Maria do Socorro Bernardes Amorim, Débora Batista de Castro, Consuelo Bandeira de Mello Santos da Figueira, Ana Maria Barreto Campello de Lima, Eunice Ferreira Lopes de Oliveira, Telma Corrêa da Nóbrega Queiroz

*A origem deste artigo foi o interesse pelo tema do duplo, no contexto do tratamento dos distúrbios psíquicos severos da criança. Surgiram então questões tão distintas que podem apenas ser indicadas aqui, embora tenham esta origem comum. Se forem pertinentes, elas exigirão um desenvolvimento próprio posterior, na confrontação com a clínica: Como as crianças, e as crianças autistas, começam a falar? Qual o papel do "duplo idêntico", do "duplo diferente", e da duplicação na subjetivação, assim como na aquisição da linguagem? Quais os significados da inversão especular? Quais os diferentes "níveis de reconhecimento da imagem especular"? O que há de êxito e de tropeço na ecolalia? É possível articular literalidade e lateralidade? E comparar a repetição na psicose e no luto?*

*Mesmo a partir de um ponto de vista laciano, referimo-nos, sobre a duplicação, a textos kleinianos esclarecedores. Parece necessária uma maior articulação entre a predominância da palavra e do olhar no investimento da criança, e seus eventuais desdobramentos.*

*As crianças citadas foram observadas por terapeutas no CEMPI, ou em atividades do cotidiano, ou numa psicoterapia na instituição (dois últimos casos).*

**Palavras-chave:** Duplo, autismo, ecolalia, inversão especular, alienação imaginária e simbólica, reconhecimento especular, literalidade, lateralidade

*Dizer que o autismo se situa aquém da alienação (Soler, 1997, p. 22) parece abrir um campo ainda extenso e desconhecido. O que há “aquém da alienação”?*

### **Aquém e além... da imitação, da demanda**

29

Em um artigo sobre imitação e identificação na criança autista, G. Haag (1992, p. 109 e sg.) afirma que pode-se formular o “vai-e-vem projeção-introjeção” kleiniano “em termos de constituição dos vínculos preparando as possibilidades de separação, para os quais certos fenômenos de *duplicação* são indispensáveis”:

Para emergir da obsessão do idêntico, totalmente patológica, surge alguma coisa que parece acontecer no desenvolvimento normal e que, em todo caso, assistimos nas retomadas de desenvolvimento dos casos mais graves... trata-se de um problema de duplo, de redobramento, de duplicação.

Ficamos sempre muito desconfiados – às vezes, em excesso (com a imitação na criança autista). “Facilmente vivenciamos suas condutas imitativas como uma eco -lalia, -praxia e podemos, às vezes, levá-la a manter-se na superfície, não atribuindo suficiente valor constitutivo normal a este componente adesivo da identificação”. Sobre o caso de Paul, ela comenta em seguida as *imitações imediatas*, para dizer que “se isto não for recuperado, pouco se poderá contar com uma tonalidade totalmente normal da linguagem na criança autista”.

Para além, “no pólo mais desenvolvido, a imitação mediata da criança que se desenvolve bem assemelha-se a um exercício introjetivo com o objeto total ausente...”. Aquém, as identificações intracorporais no bebê concernem um fenômeno imitativo entre as duas metades do corpo que representam então os dois parceiros da relação (cf. também Haag, 1985). A ênfase está no conjunto das sensações promovidas pela experiência do primeiro aleitamento e “no intenso contato do olhar desta etapa do desenvolvimento, com poder hipnotisante, sustentando uma certa memorização, protótipo das introjeções futuras”.

Numa outra perspectiva, Bergès e Balbo (1998, p. 53 e sg.) dizem:

Quando a mãe alimenta seu bebê, ela lhe fala: então, ele incorpora não somente o alimento mas, também, o que ela lhe diz do alimento e o que ela lhe diz. Esta incorporação se produz graças ao discurso com o qual a criança se identifica. Em razão desta incorporação, o corpo-a-corpo da alimentação cai progressivamente. Isto mostra o quanto aquilo que lhe diz sua mãe faz um corte. E faz um corte não somente através do que ela lhe diz, que passa pela orelha e que ele *ouve* (porque não se trata de uma alimentação substitutiva), mas também através dos movimentos de seus lábios que articulam o que ela lhe diz, movimentos que ele *vê* e que já *lê*... ela faz a hipótese que a demanda de sua criança vai passar da forma “se-identificar-o-alimento”, a saber: o corpo da mãe e a palavra, para a forma “se-identificar-com-o-discurso da mãe... sua criança lhe demanda que seja não somente um alimento, mas um ser de palavra”. Então, cabe indagar-se se uma observação mais fina demonstraria a existência do olhar do bebê dirigido não somente para o olhar da mãe mas, sobretudo, para seus lábios. A favor desta hipótese observamos fotos de “diálogos” entre mães e recém-nascidos que apresentam a mesma expressão da boca que suas mães. Prosseguindo: “É com a sintaxe do que ela lhe diz que ele *se* identifica, traço unário que vai lhe permitir tomar corpo (Ibid.).

Ora, nesta leitura lacaniana também encontramos as noções de “além” e “aquém” (da demanda, neste caso). A demanda

... sempre tem por objeto uma necessidade, que é a necessidade de amor. Assim, o amor “objeto a” da necessidade, é isto que é objeto de uma demanda. É por isso que Lacan diz que “o além da demanda é sempre a necessidade de amor, enquanto que o aquém é o desejo”. O amor enquanto objeto de necessidade, a mãe crê encontrá-lo no seu pimpolho. Este objeto *a* da necessidade da mãe, este amor de sua necessidade é a primeira ilusão, o primeiro logro, então, o primeiro falo imaginário que ela se oferece e com o qual sua criança será sempre tentada a se identificar. Se a demanda, dizíamos, tem um além, ela também tem um aquém que é o desejo. Ora, o que caracteriza o desejo? Não é um objeto a imaginário, como o amor para a necessidade, mas um objeto real. A passagem, graças à demanda, da necessidade ao desejo, permite então substituir um objeto imaginário por um objeto real (Ibid.).

### Como a criança autista começa a falar

Quando a criança autista começa a falar, ela o faz como qualquer criança? As dificuldades conhecidas, como a utilização – e não utilização – dos pronomes pessoais (“inversão” e “evitamento”), são geralmente atribuídas tanto a não diferenciação do eu, quanto ao freqüente sintoma da ecolalia (Fay, 1979). A propósito, um dos poucos pontos de acordo é a freqüência com que as expressões ecolálicas declinam quando a criança avança em competência lingüística (Baltaxe, 1977; Howlin, 1982; Mcevoy, 1998). Por outro lado, para Baltaxe a criança autista pode utilizar estratégias lingüísticas específicas pouquíssimo utilizadas pelas crianças normais (Ibid). Apesar do desenvolvimento da linguagem semelhante ao normal no caso de Paul, referido acima, para Haag (1984, p. 539), as crianças autistas que “desmutizam” tarde, entre 7 e 10 anos, têm tendência a utilizar de início uma linguagem puramente vocálica, sem consoante. É possível religar esta particularidade da realização da linguagem com os fantasmas do autista e com suas angústias: “ataque do mamilo e escoamento da substância corporal; separação em duas metades da imagem do corpo, metades desprovidas de capacidade de ligação”.

Quanto às crianças que atendemos no CEMPI há cerca de dez anos, neste aspecto não há regra absoluta. Talvez possamos dizer que quanto maior a criança, maior a nossa tendência a supor que ouvimos as primeiras expressões surgirem depois da criança de fato poder fazê-lo. Nas menores, até cerca de cinco anos, pode ser difícil identificar as primeiras palavras, num contexto de sonorizações mais ou menos próximas da prosódia esperada: no choro, por exemplo, podem se discernir sílabas, partes de palavras, ainda sem formulações claras. Já sobre as que “desmutizam” tarde, nossa impressão é que, muitas vezes, as primeiras expressões que ouvimos surgem de outra forma: é como uma expressão que já “vem pronta”. São ora trechos de canção, como no caso de um menino que, depois de anos de tratamento, disse pela primeira vez, aos nove anos: “Boi, boi, boi, ... boi da cara preta...”. Ele continuou a exprimir palavras episodicamente, sem no entanto usá-las na comunicação. Ou surgem palavras, de início imprevistas, como “computador”, sem aparente relação com um pedido. Ou ainda, são pronunciados nomes próprios que podem ser de terapeutas, e nem sempre daqueles que estão mais próximos da criança.

A tonalidade chama a atenção. Como sugere Haag, raramente normal, pode até mudar para uma mesma criança, caso seja linguagem proposicional, ecolálica ou, canto. Assim, Albânia, uma menina pré-adolescente, cantava com uma voz agradável e melodiosa e, senão, apresentava um timbre grave e incomum. Numa ocasião, no início do tratamento, esta criança apresentou um choro desesperado

no vestiário, mas foi consolada com o grande espelho do cômodo. Então, aos poucos, passou a desfilar várias vezes de um lado para outro, cessando o choro e cada vez mais interessada na sua imagem. Isto nos deixou com uma expectativa otimista quanto a sua evolução, mas ela não avançou como esperávamos.

Sobre as “estratégias lingüísticas específicas pouquíssimo utilizadas pelas crianças normais” (Baltaxe, 1977), notamos em mais de um caso, crianças aprendendo o alfabeto, designarem cada letra por uma palavra que contém a letra em questão. Por exemplo, o “e”, chamado de bicicleta, o “o”, de pipoca (sílabas tônicas). Note-se que, neste exemplo, a palavra escolhida não inicia com a letra em questão. Também crianças que parecem aprisionadas na ecolalia, surpreendem. Um menino que sofreu com a impossibilidade dos sucessivos responsáveis “cuidadores”, declinou o próprio nome, logo ao chegar ao CEMPI: “Eduardo, Eduando, Eduendo...”.

E para finalizar, fato relevante, não encontramos nas primeiras expressões a duplicação de sílabas, descrita por Dolto (1984), nem as primeiras palavras nomeando os pais, o excremento, etc.

### **Como as crianças começam a falar. A dupla: dinâmica**

Sobre a castração oral, Dolto (1984, p. 82-3) diz que a criança não pode manifestar logo os frutos da linguagem. Só mais tarde, descobrindo o prazer de dominar o objeto primordial anal, nomeará seus pais, os excrementos, freqüentemente antes de nomear o alimento:

Primeiras palavras repetitivas de duas sílabas, que correspondem ao sentimento de existir da criança, quando está junto como um semelhante de sua mãe e duplo de sua sensação, através do que a primeira linguagem se inicia: Ma... ma... co... cô...; é sempre ela-o outro, semelhante “parelho”, que provoca um início do falar nestas duas sílabas semelhantes repetitivas. Os bebês começam quase sempre a falar desta maneira.

Acredito que, justamente, este duplo que ela é da mãe, e esta simbiose seguida de díade, com os ritmos preferenciais em dois tempos, tudo faz, desta época, uma época de ritmo em dois tempos. Evidentemente, este fato tem sua raiz no coração e suas pulsações, mas sobretudo no fato de que é preciso ser duplo, se desdobrar com desprazer quando a mãe parte, se reunificar com prazer quando se reencontra duplo, e se redesdobrar repentinamente para que o simbólico advenha com a noção de sentimento diferente das sensações com a mãe e sem ela; sensações que são acompanhadas do prazer residual da subtração de uma das sensações, a outra sendo levada pela mãe, e do reencontro que se acompanha de uma alegria adicionada, por ser também expressa pela mãe (compare com “o vai-e-vem projeção-intojeção”

acima). É o conjunto desta metaforização das presenças de objetos parciais duplos, pela presença-ausência da mãe, que me parece explicar a silabização dupla... (Ibid.).

Que repercussões implicadas no “problema do duplo, da duplicação” estariam em causa nos distúrbios severos?

### “Espelho”: o “quite ou double” da subjetivação

Haag (1988; 1990, p. 59) compara: “Para que uma célula se multiplique, intervém um fenómeno de duplicação (cromossomas – membrana limitante) e depois de desdobração. Que seriam os fenómenos de duplicação... em matéria de psiquismo?”

Esta é a hipótese de Lacan (1991, p. 436): “Supor que o Outro é um espelho vivo, de tal sorte que quando eu o olho, é ele em mim que se olha e que se vê em meu lugar, no lugar que ocupo nele”. Bergès e Balbo (1998, p. 43 e sg.) desenvolvem este processo:

Quando o infans percebe sua imagem no espelho, ele percebe que pode ser duplo e outro para ele mesmo e então que não necessita mais de sua mãe para ter um duplo, e quando ele volta-se para ela frente ao espelho, ele volta-se como que para convidá-la a abandonar a criança que ele é enquanto duplo dela mesma: há queda de um duplo enquanto objeto a... Para que este processo possa se produzir é necessário que o narcisismo da mãe seja tal que possa suportar se ver cair enquanto duplo da criança, assim como ver a criança cair enquanto duplo dela mesma... a criança se desprende do fato que se olhava com os olhos de sua mãe. ... (Como é possível ver em certas observações filmadas admiráveis) quando uma criança que parece tornar-se autista está na frente do espelho e, contudo, vira-se para sua mãe, não se deve recorrer a fazer uma incitação à mãe para que reconheça que sua criança se vê bem no espelho. O que se deve incitá-la a dizer é: “Você não necessita mais de mim para se ver”. ... Esta experiência, em torno da qual eles jubilam, torna-os, sem que se dêem conta, não especulares um para o outro (note-se que uma mãe de criança autista opõe-se a isto).

Mas não podemos omitir de

... sublinhar a importância da troca verbal entre a mãe e a criança que é a razão pela qual a experiência do espelho ultrapassa em toda parte o que é puramente visual... Evoquemos a questão do pronome, da terceira pessoa... Em que estas relações permitiriam à mãe introduzir entre ela e sua criança uma terceira pessoa que tornaria possível a utilização do pronome “ele”? Dirigindo-se a ele com este pronome (ele está com fome; ele, Pedro, está com sede...), ela faz dele literalmente uma outra pessoa, uma terceira pessoa a quem ela dirige-se para falar da criança, determinando assim um duplo. (Ibid.)

Temos observado que pais e mães também podem se referir à criança como “mamãe” ou “papai”. E que quando indagados à respeito, freqüentemente dizem que “é para que a criança entenda”. Inclusive, às vezes é o pai que se dirige a uma filha assim: “papai está com fome...”. Esta seria uma forma anterior ou, “transicional”, que tentaria facilitar, “entregar pronta”, a inclusão do outro no discurso? (já que possibilitaria à criança, aparentemente, referir-se ao outro, mesmo e ainda que, ecolalicamente). E será que esta forma de fato “facilita” o trabalho da criança, como algumas vezes a intuição dos pais acredita?

### O “direito” familiar e o sinistro estranho

O que há de interessante em “O estranho” (Freud, 1919, p. 292 e sg.) é a referência, já nos anos 1913-19, não somente ao narcisismo e à castração, mas também à inversão e até mesmo à alienação. Todos os temas de estranheza “dizem respeito ao fenômeno do ‘duplo’, ... há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu”. Originalmente, “o ‘duplo’ era uma segurança contra a destruição do ego, uma ‘enérgica negação do poder da morte’... e, provavelmente, a alma ‘imortal’ foi o primeiro ‘duplo’ do corpo”. Essa “invenção do duplicar como defesa contra a extinção tem sua contraparte na linguagem dos sonhos, que gosta de representar a castração pela duplicação ou multiplicação de um símbolo genital... (v. também Freud, 1900-01, p. 380 e Freud, 1940 [1922], p. 329). Entretanto, quando essa etapa está superada, o ‘duplo’ inverte seu aspecto (ênfase nossa). Depois de haver sido uma garantia de imortalidade, transforma-se em um estranho anunciador da morte. ... a qualidade de estranheza só pode advir do fato de o ‘duplo’ ser uma criação que data de um estágio mental muito primitivo, há muito superado – incidentalmente, um estágio em que o ‘duplo’ tinha um aspecto mais amistoso... pode-se entender porque o uso lingüístico estendeu *das Heimliche* [‘homely’(‘doméstico, familiar’)] para o seu oposto, *das Unheimliche*; pois esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de repressão”. (Ibid.)

Portanto, na busca de uma “garantia de imortalidade” recorre-se à duplicação e alguma coisa (da morte?) inscreve-se, concomitante a uma inversão (especular? do objeto da pulsão?), traduzindo-se numa diferença.

A pergunta – “O que inscreve-se?” – leva a indagarmos sobre as relações desta inscrição, não somente com a representação da morte como, também, com a “castração primária” que, para Dolto (1984, p. 130), não pode se produzir antes do estágio do espelho: esta descoberta surge com o fato de que “se as crianças,

de costas, são todas parecidas, de frente não são semelhantes. Vistas de frente, algumas têm embaixo uma fenda, como se tivessem ali pequenas nádegas, outras, um prolongamento”. Então, a castração primária, o conhecimento de seu corpo enquanto sexuado, está associada ou é concomitante à experiência do espelho que revela à criança seu rosto. Entretanto, considerando-se a observação de bebês e a experiência clínica, talvez tenhamos até que distinguir vários “níveis de reconhecimento da imagem especular”. Pode acontecer: a) O desconhecimento de qualquer imagem do espelho, o interesse da criança limitando-se à moldura, às suas características físicas e aos objetos próximos e a ela associados, justificando a designação de “*espelho cego*”. A criança recusará qualquer estimulação ou tentativa de fazê-la identificar a própria imagem ou a imagem do outro no espelho. As estratégias da terapia ocupacional, por exemplo, de passar talco nas mãos, no rosto, não alcançam êxito; b) Há um reconhecimento da imagem imaginária (ou do outro), mas não da própria imagem (simbólica). Como na ficção do vampiro, ocorreria *escotomização apenas da própria imagem* (Bergès e Balbo, 1998, p. 45): “A não-especularidade permite-nos dar um passo para diferenciar a imagem ‘imaginária’, e a imagem ‘simbólica’. Quando a criança vê a imagem de um adulto familiar no espelho, ela se volta e o reconhece, estabelecendo assim, se podemos dizer, a realidade desta ambigüidade: ele está aí e aí. Em oposição, quando ela se encontra em frente de sua própria imagem no espelho, demonstra uma motricidade totalmente diferente, não exploratória mas discordante e jubilatória: ela quer apreender esta imagem, porque a imagem é para ela, contrariamente às aparências, não especular – nisto, que ela não a conhece. Ela tampouco lhe é especular e a distância assim criada entre ela e sua imagem inscreve-se como simbólica); c) Um “reconhecimento funcional” – em que o próprio rosto seria reconhecido, contudo, como um objeto qualquer ou utilizado para alguma outra finalidade. (*Edson, 11 anos, não fala. Nunca teve tratamento especializado, a não ser recentemente: medicação para agitação, agressividade e fugas. Os pais só viveram juntos alguns meses, na casa dos avós paternos, se separaram durante a gravidez, devido a alcoolismo da mãe, “ninguém gostava dela”. Desempregado, o pai faz tratamento para hanseníase há mais de 11 anos. A criança ficou na casa destes avós. A mãe ainda veio buscá-lo, levando-o para a casa dos avós maternos, em outra cidade, mas o pai e uma tia paterna foram recuperá-lo e o encontraram muito malcuidado. Desde então, com um mês, foi criado pelos avós paternos que agora adoeceram. Chega no CEMPI com verrugas nas mãos, escabiose. O olhar é cheio, convocado e convocante, tem boa compreensão. Mostra-se cada vez mais calmo e na comunicação. Intensa angústia de se separar do pai (de abandono?), nada o consolará a não ser, na quarta sessão, uma festa de carnaval no setor ao lado.*

*Sonorizações sem linguagem, até que diz: “Tchutchuca, vem aqui pró seu tigrão” (Trecho de música ouvida atualmente). 5ª sessão: Dirige-se várias vezes ao espelho, tentando descolar a moldura (ou verificar o que há atrás?). Nenhum sinal de que se reconhece. Nem mesmo vê a própria imagem embora num dado momento comunique-se festivamente com a imagem do outro (escotomização da própria imagem?). Nas vezes seguintes o pai diz que ele não aceita o tratamento dentário. Para nossa surpresa, vai até o espelho para mostrar os próprios dentes – queixando-se de dor? Depois falará várias frases, muitas vezes ecolalicamente.*

Edson parece situar-se entre o segundo e terceiro momento, mostrando os próprios dentes no espelho para comunicar dor); d) E finalmente, o reconhecimento pleno da imagem simbólica traduzindo o investimento a ela associado. Estes conceitos nos permitiriam distinguir aqui uma “alienação imaginária” e uma “alienação simbólica”, normalmente complementares mas que se evidenciarão em certos transtornos severos com comprometimento da alienação como um todo. Com efeito, acontece recebermos crianças com sete anos ou mais, sem tratamento especializado anterior, que não falam, mas não apresentam enquistamento autístico (olhar cheio e boa qualidade de presença do outro), nem se situam numa relação tipicamente simbiótica. No caso de Edson destacaríamos indicadores da “alienação imaginária” e, de Albânia, da “alienação simbólica”. Em todo caso devemos indagar se, e como, a *predominância do olhar ou da palavra* (no investimento da criança, em tais condições) se relaciona com as “alienações imaginária e simbólica”. É importante sublinhar que estamos falando de crianças maiores e que ainda nos faltam dados sobre a evolução de crianças severamente comprometidas, tanto tratadas quanto não tratadas. Infelizmente, em nosso meio, na classe desfavorecida, a frequência destas crianças não tratadas ainda parece excessivamente elevada.

### **Frente, diferença, costas, separação**

A que o autista dá as costas? À inversão especular? À castração primária? À diferença em questão? E mesmo antes, inclusive, até da alienação, já não estaria aí em jogo a dialética da separação, considerando-se:

a) Que a aproximação ocorre de frente e o afastamento de costas? Lembremos aqui o expediente do humorista que, para não pagar o ingresso do espetáculo, tenta passar pela entrada, avançando de costas. Por outro lado, quando pedimos a uma criança de dez anos, com a lateralidade definida, em frente ao espelho, para identificar o lado direito da própria imagem especular, uma pergunta que surge é: “É o direito de frente ou de costas?”

b) Que para operar a inversão especular, e podemos supor que conseqüentemente, distinguir o lado direito e esquerdo de uma figura, é necessário representar um giro de 180°, mudança de posição que exige um mínimo de reconhecimento do lugar do outro? *Lucas, 11 anos, é uma criança que iniciou uma psicoterapia há mais de quatro anos, com um quadro delirante e distúrbios do comportamento. Os temas eram fantásticos e de grandeza. Agressivo, não pôde continuar a escolarização normal. Nas sessões, a maior parte do tempo foi avidamente tomada por desenhos, com habilidade e riqueza tanto de senso estético como de concepção espacial. Três fases marcaram esta produção: 1. Barcos no mar, naufrágios, e casas com duas portas idênticas num cenário de nuvens, os lados direito e esquerdo sendo “espelhados” (queremos dizer: se for dobrado no meio, os lados direito e esquerdo, em grande parte, se recobrirão). Pais separados, a mãe da criança vivia com os próprios pais. Às vezes ele se encontrava com o pai, desprezado pela mãe. O único tio materno, desenhista, estava envolvido com drogas e foi perseguido pela polícia, fugindo da cidade. Lucas retomava as preocupações da família, falando de sangue e assassinatos. Note-se, seu apelido é “Lute”. Referia-se a um duplo imaginário poderoso, o “Sr. Lutchuí”. Ocorre uma mudança, a mãe vence suas dúvidas e resolve ir viver com um companheiro que já conhecia (Sr. Luiz, ou “Luizinho”). Ele gosta e se interessa pela criança. 2. Aparece então no desenho o “X”. Ao concluir cada figura, ela é toda recoberta por um X, com maior ou menor ênfase. Serão recobertos: “cheeseburger”, sorvete, os personagens, até surgir o desenho de uma mulher deitada e despida. Ele fala da TV: X-Tudo, X-Men, Arquivo X. Mais tarde, depois do desaparecimento do X nos desenhos, ele explicará: “X quer dizer: não pode”. 3. A mãe resolve castigá-lo batendo, quando julga necessário: “ele aprenderá logo a se comportar e a não dizer besteiras”. De início, quando chegava, corria para a porta do consultório que chutava com força. Torna-se mais tranqüilo. Volta à escola formal, faz bem as tarefas mas tem problemas na leitura. Na sessão fica evidente uma dificuldade relativa à lateralização. Antecipa arbitrariamente, faz inversões (depois de aprender a “família do m”): onde escreve-se “um” lê “mu”. Designa bem seu lado direito, mas não o faz para outra pessoa na sua frente. Apesar de algumas indicações, não o faz para sua imagem no espelho. É como se sua mão estivesse colada naquela “imediata” da imagem especular (Na cena clássica do palhaço que move a mão na superfície do espelho, não se trataria da indagação: “Sou eu que efetuo o movimento ou minha imagem especular?” Ou ainda: “Haverá mediação entre mim e minha imagem no espelho?”). Nesta fase os desenhos adquirem maior complexidade no espaço, a qual é surpreendente de ver coexistir com tamanha dificuldade de lateralização. São personagens de Pokémon, o bem e o mal, a luta das águias do fogo e do gelo, etc. Apesar das mudanças, o desenho continua espelhado e*

*ainda persiste a transparência (o desenho de uma figura não oculta aquele que encontra-se por trás). Note-se que sempre desenhou e desenha girando toda a folha, dependendo da parte da figura executada. Esta manobra visaria a evitar o “giro da inversão direito-esquerdo”? Prefere desenhar letras em japonês que a escrita em português. A tonalidade ainda chama a atenção, a entonação é incomum, manierista, caricaturalmente sábia. Mas se certas expressões denotam alguma literalidade, não deixam de apresentar uma ponta de humor promissor: numa ocasião lhe perguntamos se já observou como seus colegas falam, as expressões que empregam... Mais tarde, na primeira vez que foi à “Escolinha de Arte”, desenhou um monstro medonho que comentou com o olhar divertido: “Tá o bicho!”*

### **Êxito e tropeço na ecolalia. O literal e o lateral**

Quais os sentidos da expressão “inversão especular”?

1) O dado da observação é que o lado direito aparece invertido em esquerdo ao espelho. 2) Apenas para efeito de sistematização, sobre a duplicação, podemos estabelecer dois tempos: baseando-se na nomenclatura adotada para os gêmeos, distinguimos o *duplo idêntico*, amistoso, “Heimlich”, a primeira etapa da duplicação; e o *duplo diferente*, estranho, “Unheimlich”, segunda etapa da duplicação. Propomos que: *A conclusão da duplicação se dá com a inversão direito-esquerdo*. 3) A expressão de Freud é “o duplo inverte seu aspecto” (v. acima). Ela pode ser entendida como: no primeiro tempo, na “ida” ao espelho, o duplo representa a busca da imortalidade; no segundo tempo, na “volta”, “é um estranho anunciador da morte”. Neste sentido, é na passagem do duplo idêntico ao diferente que ocorreria inscrição da representação da morte. Não poderemos tratar aqui das possíveis relações da inversão especular com: a) o reconhecimento pleno da imagem especular e b) a definição da lateralidade. Entretanto, temos ainda outras perguntas: 4) A inversão direito-esquerdo estaria na base da inversão pronominal e da utilização da primeira pessoa? 5) E, por sua vez, como se relaciona a aquisição da primeira pessoa com o fechamento do circuito pulsional e o surgimento do “novo sujeito”?

Interrogamos de forma mais abrangente: 6) A inversão especular: a) depende de alguma forma tanto da passagem da bi à tridimensionalidade de Meltzer (Golse, 1992, p. 126) quanto da aquisição da “função binocularizante” (v. Haag, 1989, p. 30: esta função do olhar é constituída de “um pólo feminino, ‘de envoltório’, captador”, e outro “masculino, penetrante, impressor” – numa “triangulação muito primitiva de ordem edípiana...”)?; b) Anteciparia outras transposições simbólicas:

“de cima para baixo”, se descodificando pela criança como “longe-perto”, operação em jogo por exemplo na cópia do quadro-negro? E *a fortiori*, anteciparia a passagem do literal ao metafórico?

Neste raciocínio, a “ecolalia sintoma no autismo” configuraria o êxito da duplicação no sentido do literal, imediato, do idêntico, (primeiro tempo) mas seu fracasso no sentido do figurado, mediato (segundo tempo), na produção do duplo diferente. Estas considerações nos permitem articular literalidade e inversão. O que fracassa na ecolalia é a mudança, a transposição, com a possibilidade de engano ligada à palavra. Num nível acima, isto é ilustrado pela história judia de Cracóvia: *Por que você me diz que vai a Cracóvia? Você me diz isso para me fazer crer que você vai alhures*. Lacan (1981, p. 47) comenta: “O que o sujeito me diz está sempre numa relação fundamental a um fingimento possível, aonde ele me remete e onde eu recebo a mensagem sob uma forma invertida”. Temos então um maior esclarecimento da fórmula do autor: em vez de o sujeito “receber do outro a própria mensagem sob forma invertida” (Lacan, 1966, p. 439), na ecolalia se reproduz a mensagem do outro de forma não invertida.

### Repetição 1. Do diferente e 2. Que aspira à diferença

39

Finalmente, considerando a preocupação despertada pela ecolalia, recorreremos comparativamente a outra condição que pode parecer igualmente inacessível. Para Lacan (1958-1959, p. 349), o luto (o buraco no real produzido pela perda) está numa relação inversa àquela da *verwerfung* (o que é rejeitado no simbólico reaparece no real). Ou, para dizer de outra forma, “no luto trata-se do impossível do objeto ausente, na *verwerfung*, do impossível do objeto inexistente” (Correia, 2001, p. 45). Entendemos de Freud que, no luto, trata-se de identificar a diferença na repetição dos temas depressivos, só aparentemente idênticos. Ele nos fala da “sombra do objeto”: “Na melancolia havia uma ligação da libido a uma pessoa amada, mas após desapontamento ou desapontamento com ela, o investimento libidinal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidado, a libido livre foi retirada para o ego, estabelecendo uma *identificação* do ego com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o ego...” (Freud, 1917a, p. 281). Na psicose, é como se “a libido, em seus esforços para alcançar novamente – *diríamos “novamente” a respeito do autismo infantil primário?* – os objetos (isto é, as representações dos objetos), de fato agarrasse alguma coisa desses objetos que seria, por assim dizer, no entanto, apenas suas sombras – quero dizer, as representações verbais pertencentes aos objetos” (Freud, 1917b, p. 492)... vendo-se então obrigada “a se contentar com palavras em vez de coisas” (Freud, 1915, p. 232).

Concluimos com uma indagação. A questão que a afirmação acima de Lacan coloca não seria: a direção no tratamento da melancolia deve ser, numa certa medida, inversa àquela na *verwerfung*? No primeiro caso, cabe ao analista a escuta da diferença na repetição dos temas depressivos, no sentido da elaboração do trabalho de luto: “o ego... é persuadido, pela soma das satisfações narcisistas que deriva de estar vivo, a romper sua ligação com o objeto abolido... nas análises, torna-se freqüentemente evidente que primeiro uma lembrança, e depois outra, é ativada, e que os lamentos que soam sempre como os mesmos, e são tediosos em sua monotonia, procedem, não obstante, cada vez de uma fonte inconsciente diferente” (Freud, 1917a, p. 289). Em oposição, o que norteia o tratamento na *verwerfung*, a partir da escuta da repetição ecológica, é que algo possa vir a se estabelecer como diferença, castração primária, inscrevendo assim no simbólico o objeto abolido (foraclusão), o analista viabilizando uma intervenção no real. Estas considerações ganham um interesse maior quando, como de fato acontece, uma mãe nos procura para o tratamento de seu filho autista, com uma problemática de luto que já existia durante a gravidez da criança.

Nossa expectativa, portanto, é a de que o tema do duplo possa trazer mais esclarecimentos sobre a subjetividade e a aquisição da linguagem, o “duplo idêntico”, o “duplo diferente”, a inversão especular, os “níveis de reconhecimento da imagem especular”, a ecolalia, a literalidade e a lateralidade, a psicose e o luto.

### Referências

- BALTAXE, C.A.; SIMMONS, J.Q. Bedtime soliloquies and linguistic competence in autism. *J. Speech Hear Disord*, v. 42, n. 3, p. 376-93, aug./1977.
- BERGÈS, J.; BALBO, G. *Jeu des places de la mère et de l'enfant. Essai sur le transitivity*. Paris: Érès, 1998.
- CORREIA, J.R.A.; ALLAIN, M.; AMORIM, M.S.B. et al. A “adoção psíquica” e suas dificuldades. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. IV, n. 1, p. 37-50, mar./2001.
- DICIONÁRIO DE PSICANÁLISE LAROUSSE. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- DOLTO, F. *A imagem inconsciente do corpo*. Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- FAY, W.H. Personal pronouns and the autistic child. *J. Autism. Dev. Disord.*, v. 9, n. 3, p. 247-60, sep./1979.
- FREUD, S. (1900-1901). A interpretação dos sonhos. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. V.
- \_\_\_\_ (1915). O inconsciente. *E.S.B.* Op. cit. v. XIV.
- \_\_\_\_ (1917a[1915]). Luto e melancolia. *E.S.B.* Op. cit. v. XIV.

- \_\_\_\_ (1917b [1916-1917]). Teoria geral das neuroses. Conferência XXVI. *E.S.B.* Op. cit. v. XVI.
- \_\_\_\_ (1919). O 'estranho'. *E.S.B.* Op. cit. v. XVII.
- \_\_\_\_ (1940 [1922]). A cabeça da medusa. *E.S.B.* Op. cit. v. XVIII.
- GOLSE, B. *Le développement affectif et intellectuel de l'enfant*. 3. ed. Paris: Masson, 1992.
- HAAG, G. Réflexions sur certains aspects du langage d'enfants autistes en cours de démutisation. *Neuropsychiatrie de l'Enfance*, v. 32, n. 10-11, p. 539-44, 1984.
- \_\_\_\_ La mère et le bébé dans les deux moitiés du corps. *Neuropsychiatrie de l'enfance*, v. 33, n. 2-3, p. 107-14, 1985.
- \_\_\_\_ Aspects du transfert concernant l'introjection de l'enveloppe en situation analytique individuelle et groupale: duplication et dédoublement, introjection du double feuillet. *Gruppo*, n. 4; "Le corps familial", p. 71-86, juin/1988.
- \_\_\_\_ De quelques fonctions précoces du regard à travers l'observation directe et la clinique des états archaïques du psychisme. *Cahiers de psychiatrie infantile*, Échos du Regard, Hôpital Saint Vincent de Paul, Université Paris V (Conférences 88/89), p. 26-33, juin/1989.
- \_\_\_\_ Les troubles de l'image du corps dans les psychoses infantiles. *Thérapie psychomotrice*, v. 86, n. 2, p. 50-65, 1990.
- \_\_\_\_ Imitation et identification chez les enfants autistes. In: *Imitation, identification chez l'enfant autiste*, ouvrage en Coll., dir. J. HOCHMAN, P. FERRARI, Paris: Païdos/Recherche, 1992, p. 107-120 (IV 92).
- HOWLIN, P. Echolalic and spontaneous phrase speech in autistic children. *J. Child Psychol Psychiatry*, v. 23, n. 3, p. 281-93, jul/1982.
- LACAN, J. *Le Séminaire. Livre III. Les psychoses*. Paris: Seuil, 1981.
- \_\_\_\_ *Le Séminaire. Livre VIII. Le transfert*. Paris: Seuil, 1991.
- \_\_\_\_ (1958-1959). *Le Séminaire. Livre VI. Le désir et son interprétation*. Document interne de l'Association freudienne internationale.
- \_\_\_\_ (1957). La psychanalyse et son enseignement. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
- MCEVOY, R.E.; LOVELAND, K.A.; LANDRY, S.H. The functions of immediate echolalia in autistic children: a developmental perspective. *J Autism De Disord*, v. 18, n. 4, p. 657-68, dec./1998.
- SHAPIRO, T., KAPIT, R. Linguistic negation in autistic and normal children. *J. Psycholinguist Res.*, v. 7, n. 5, p. 337-51, dec./1978.
- SOLER, C. Autisme et Paranoïa. *L'autisme*, Groupe Petite Enfance, Bulletin 10, numéro spécial, nouveau réseau cereda diagonale francophone, janvier 1997, 184 p.

## Resumos

*El origen de este artículo fue el interés por el tema del doble, en el contexto del tratamiento de los disturbios psíquicos severos de la niñez. Surgieron así cuestiones tan distintas que tan sólo pueden ser indicadas aquí, pese a su origen común. En el caso de que sean pertinentes, exigirán un desarrollo específico posterior, confrontándolas con la clínica: ¿Cómo los niños en general y los niños autistas en particular empiezan a hablar? ¿Qué papel tiene el doble idéntico, el doble diferente y la duplicación en el nacimiento de la subjetividad y en la adquisición del lenguaje? ¿Qué significados tiene la inversión especular? ¿Qué tiene éxito y que fracasa en la ecolalia? ¿Es posible articular literalidad y lateralización? ¿Es posible comparar la repetición en la psicosis y en el luto? A pesar de partir de un punto de vista lacaniano, nos referimos a la duplicación sirviéndonos de textos kleinianos esclarecedores. Al parecer es necesaria una mayor articulación entre la predominancia de la palabra y de la mirada en la investidura de los niños y sus eventuales desdoblamientos. Los niños mencionados han sido observados por terapeutas en el CEMPI, o en actividades del cotidiano, o en una psicoterapia en la institución (los dos últimos casos).*

**Palabras llave:** Doble, autismo, ecolalia, inversión especular, alineación imaginaria y simbólica, reconocimiento especular, literalidad, lateralización

42

*L'origine de cet article a été l'intérêt par le thème du double dans le cadre du traitement des troubles psychiques sévères de l'enfant. Des questions ont alors surgi mais, tellement distinctes, qu'elles ne peuvent être qu'indiquées ici, malgré l'origine commune. Si ces questions sont pertinentes, elles exigeront un développement postérieur propre, dans la confrontation avec la clinique: Comment les enfants, et les enfants autistes commencent-ils à parler? Quel est le rôle du "double identique", du "double différent" et de la duplication dans la subjectivation, et dans l'acquisition du langage? Quels sont les sens de l'inversion spéculaire? Quels sont les différents "niveaux de reconnaissance de l'image spéculaire"? Qu'est-ce qu'il y a de réussite et d'achoppement dans l'écholalie? Peut-on articuler littéralité et latéralité? Peut-on comparer la répétition dans la psychose et dans le deuil?*

*Encore que dans une perspective lacanienne, nous faisons référence à des textes kleinians éclairants. Une plus grande articulation entre la prédominance de la parole et du regard dans l'investissement de l'enfant semble nécessaire.*

*Les enfants évoqués ont été observés par des thérapeutes dans le CEMPI, pendant les activités quotidiennes ou dans le cadre d'une psychothérapie dans l'institution.*

**Mots clés:** Double, autisme, ecolalie, inversion spéculaire, aliénation imaginaire et symbolique, reconnaissance spéculaire, littéralité, latéralité

*This article arose from the author's interest in the theme of the double in the context of treatment of severe mental disorders in children. A number of different questions came up that can only be suggested here. If these points are pertinent, they will have to be treated individually, based on clinical evidence: How do children, including autistic children, begin to speak? What is the role of the "identical double," "the different double," and "duplication" in the acquisition of both subjectivity and language? What are the meanings of mirroring inversion? What are the different "mirror image recognition levels"? What succeeds and what fails in echolalia? Can lateral issues be linked to literal approaches? Can repetition in psychosis and in mourning be compared?*

*Some enlightening Kleinian texts regarding duplication are discussed from a Lacanian point of view. There seems to be need for a stronger link between, and development of, the preponderance of word and gaze in children's investments.*

*The children mentioned were observed by therapists at CEMPI, either in their everyday activities or while undergoing psychotherapy at the institution.*

**Key words:** Double, autism, echolalia, mirroring inversion, imaginary and symbolic alienation, mirroring recognition, literal and lateral findings